O DEMOCRATA

(Avença)

Semanário Republicano de Aveiro

Redacção e Administração
Rua Miguel Bombarda, 21
Comp. e imp.—IMPRENSA UNIVERSAL
R. Combatentes da G. Guerra — AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto *Agência Havas*

ANO 34.º — Sábado, 20 de Dezembro de 1941 — N.º 1712

VISADO PELA CENSURA

O Hino Inglês

—o—

O hino inglês, que todo o mundo conhece: *God Save the King*, Deus Guarde o Rei, foi, talvez ainda no século XVI, ao que parece, composto por nada mais e nada menos do que o Dr. John Bull, organista de James I e autor de várias composições bastante apreciadas. No século XVIII começou a ser geralmente cantado como hino nacional inglês e hoje — se John Bull o fêz, John Bull o canta.

Hora de Unidade e de Solidariedade

Com a entrada do Japão e dos Estados Unidos no conflito europeu, completou-se infortunadamente e em proporções mástodôticas o círculo infernal da guerra.

O acontecimento, em verdade, não surpreendeu, pois as relações entre os três impérios disputadores da hegemonia do Pacífico gradualmente se foram agravando, até que o corte se tornou fatal e inevitável.

Assim vai a humanidade entrando no terceiro ano de guerra e tem que preparar o ânimo para assistir à continuação desta gigantesca loucura humana, cujo fim e em que sentido se concluirá, é ainda cêdo para se determinar.

Lentamente o conflito europeu, após vários incidentes trágicos e violentos, estendeu-se da Polónia à França, desta à A'frica e aos Balcans, dêstes à Russia e ao médio Oriente, e por fim com o Japão e os Estados Unidos, foi transportado aos confins da A'sia e da América.

Está correndo a espinha dorsal do mundo. Os impérios mais populosos, densos e vastos, mais ricos e poderosos de industrialismo e de matérias primas, mais fortes de apetrechamento militar, naval e aéreo, estão envolvidos e imersos no sangrento barbarismo da guerra.

Entretanto afigura-se-nos que o pêso dos Estados Unidos se vai fazer sentir fortemente na sua condução e conclusão.

Acabaram as divisões partidárias e o isolacionismo. Um novo bloco de almas e de fôrça e espírito militar se vai criar.

E nós, portugueses, contempladores serenos e tranquilos do emocionante drama europeu e mundial, mantendo uma neutralidade irrepreensível, modelar e honestíssima, como universalmente é reconhecido, cá vamos vivendo o milagre da nossa paz!

A Providência e a justiça divina velarão por nós. Todavia, o abismo está à vista. Os precipícios estão abertos à nossa volta. A navegação interrompida, os mercados fechados, diminutos navios para transportes.

Se a nossa integridade territorial, a nossa dignidade de povo livre e a nossa independência não estão em causa, a nossa economia é que sofre, é que sofrerá as repercussões indirectas desta guerra, que deixou de ser um conflito entre as nações para ser uma luta entre continentes e entre duas mentalidades contrárias: a germanica e a anglo-saxónica.

Estamos em presença do maior conflito guerreiro de todos os tempos e perante uma crise política e histórica, que é das mais sérias e graves por que tem passado a humanidade, por ser universal e, que atinge e afecta os pontos vitais, estratégicos e seculares do mundo.

Grandes surprêsas nos devem ainda estar reservadas. O futuro é uma dolorosa interrogação. Evidentemente que a humanidade e os impérios hão de sobreviver às derrocadas, aos escombros e aos desmoronamentos desta luta hérculea e abismante.

Decerto que o homem há de continuar a cumprir o seu destino na terra e as suas obrigações perante Deus.

Mas em que sentido? Com que organização política, económica e social? Com que dependência ou independência como nação?

Estão empenhados na luta e integrados em blocos poderosissimos, cuja únidade se tornará mais intensa e mais indissoluvel em frente do perigo comum, os impérios mais importantes e fortes da época.

São de prevêr, num porvir mais ou menos próximo, profundas transformações na estrutura, na mecânica e na armadura nacional e internacional dos povos.

A nações grandes, poderosas e populosas, por um *élan* vital de expansão e de hegemonia, tendem a aglutinar os pequenos povos ou os povos sem defezas, ou a integrá-los na sua absorvente esfera de influência.

Sendo assim, as nações dentro dos continentes, com a sua arquitetura actual, tenderiam a desaparecer e o continente é que seria a grande nação, a grande pátria de todas elas.

Como conseqüência teríamos, então, de longe a longe, as guerras históricas e até o fim, o desaparecimento das guerras por inúteis e desnecessárias.

Anda no ar, no espírito, nos pensamentos, nas necessidades da vida e na evolução fatalista dos acontecimentos, um ideal de aglutinação e de unificação.

Serão esta aspiração e esta necessidade, que nascem das profundezas da vida, embebidas em sangue e em dôr, os agentes dinâmicos das grandes transformações históricas a que o destino do mundo não pode fugir?

Mas deixemo-nos de fantasias ou de sonhar futuras realidades.

Com o alastramento da guerra a nossa situação económica tornou-se mais difícil e flageladora.

Vários deveres se impõem para que o Govêrno já patrioticamente fêz o apêlo.

Produzir o máximo, aproveitando todo o terreno, preparando-nos, assim, para nos servirmos com a tradicional prata da casa.

Evitar desperdícios e esbanjamentos. Estamos num momento em que aquilo que não presta tem valor, merecimento e aplicação.

Castigar severamente os que, em face do abismo, não hesitam ainda em traficar ilicita e deshonestamente, para àmanhã — quem sabe? — perderem tudo.

E por fim união nacional, sagrada, coesa, substancial, sobranceiros às paixões anti-nacionais desencadeadas pela guerra, unidos e solidários, todos por um e um por todos, à roda do Chefe que melhor que ninguém tem conduzido e conduzirá Portugal por entre a borrasca, que incendeia todos os continentes do universo.

J. Carreira

Senhor das Barrocas

No cimo da vetusta capela existe um andaime de madeira cuja permanência não atinamos para que seja, há tanto tempo ali se encontra.

Se calhar até já está pôdre e nêsse caso achamos a sua demolição uma necessidade.

O serviço dos Correios

Do S. P. N. recebemos o que segue:

O jornal *O Democrata*, de Aveiro, no seu número de 18 de Outubro p. p. aiude à necessidade de aumentar a dotação do pessoal da estação dos correios de Aveiro. Informa-nos, a propósito, a Administração Geral dos C. T. T. que a dotação referida está de acôrdo com o trafego daquela estação e não será, portanto, alterada.

Todavia, foi criado um pôsto de venda de selos a pouca distância do novo edifício da estação.

A' vista do expôsto, que querem os nossos leitores que nós lhes façamos?

Uma lembrança

E se a Câmara, depois da póda das árvores da Avenida, mandasse plantar, em volta dos troncos, roseiras de trepar para florirem na época própria?

Não seria uma maneira de mais a embelezarem sem grande dispêndio?

Não mais além!...

O célebre tapête da Câmara dos Comuns, em Londres, é um exemplo frisante do respeito dos ingleses pela tradição. No centro da Sala das Sessões, o desenho do tapête é cortado por duas largas listas vermelhas, que recordam os antigos dias de discussões tempestuosas em que os legisladores se encontravam dispostos a defender os seus pontos de vista à ponta da espada.

Afim de que não houvesse derramamento de sangue no Parlamento, resolveu-se traçar no solo duas linhas vermelhas que os contendores não podiam ultrapassar, sob pena de severo castigo.

Dois riscos no chão e acaba a questão!

DINIZ GOMES

Deixou a presidência da Câmara de Ilhavo, cargo que exerceu, sem desfalecimentos, durante 24 anos, pondo à prova a sua actividade, o seu valor e o seu prestígio, o considerado farmacêutico daquela vila, sr. Diniz Gomes.

O concelho fica-lhe a dever muito, muitíssimo, porque as obras que estão à vista são importantes e de garantia.

Sucede-lhe o sr. dr. Manuel Balseiro, médico e proprietário dos mais abastados — segundo lêmos no nosso colega *O Ilhavense*, que acrescenta:

Homem novo, inteligente, com um passado limpo das aranhas da politiquice indigena, com uma das mais nobres profissões liberais, pode, se quizer e o seu temperamento lho permitir, fazer um bom lugar.

Não tem, como o sr. Diniz Gomes, quando assumiu o cargo, de se preocupar com a falta de dinheiro nos cofres da Câmara, nem tão pouco com a falta de crédito, como acontecia há 24 anos. Para bem desempenhar o seu lugar basta-lhe só vontade de agir, pois o Município de Ilhavo é dos poucos, do nosso país, que têm saldo positivo.

Com um orçamento de pouco mais de 100 contos quando o sr. Diniz Gomes assumiu a presidência, tem hoje para cima de 800 para gastar em melhoramentos e outras despezas.

O Democrata, ao registar êste render da guarda no visinho concelho, afirma ao sr. Diniz Gomes a sua admiração pelos melhoramentos com que dotou a terra onde nasceu e cumprimenta o seu sucessor.

Aos nossos colaboradores

Pedimos a fineza de enviarem na próxima semana os seus originais de forma a serem recebidos na terça-feira, visto a oficina tipográfica estar encerrada na quinta.

Baile nos «Galitos»

A' medida que se aproxima o fim do ano, vai crescendo o entusiásmo pela diversão que deve realizar-se na noite de 31 do corrente.

O salão vai ser pequeno para comportar a assistência.

O "Oppidum,, de Vouga-Marnel

pelo Dr. Alberto Souto

VI

Voltarei ao problema da localização de *Talábriga* que, segundo o estudo do sr. dr. Felix Alves Pereira referido no meu último artigo, teria de demorar pelas alturas da Branca, freguezia ao norte de Albergaria-a-Velha, confinante com Pinheiro da Bemposta, sôbre a actual estrada alta Pôrto-Lisboa, e que é limitada, a leste, pelo rio Caima e a oeste pelo concelho de Estarreja.

Como disse, as conclusões dêsse estudo, pelo argumento miliário e quilométrico, opõem-se terminantemente a que se assente em Cacia ou no Cabeço de Vouga, a jazida do *oppidum* lusitano que mereceu menção e respeito à história orgulhosa da Roma imperial.

A opinião e as conclusões do ilustre e falecido arqueologo foram aceites por quási todos os autores e investigadores que nos últimos anos se têm ocupado do assunto. O meu modesto parecer, que aliás não dispõe de autoridade para contar e pesar na solução do problema, já está de há muito expresso.

Pensam da mesma forma, entre outros, o sr. dr. Virgilio Correia, verdadeiramente ilustre professor da Faculdade de Letras de Coimbra, prehistoriador e historiador, director do Museu de Machado de Castro, e o sr. P.e José Domingues Arêde, esclarecido investigador de antiguidades da nossa região e erúdito criador do Museu de Couto de Cocujãis, que no *Arquivo do Distrito de Aveiro* publicou um magnífico artigo sôbre as estradas romanas no distrito, a que terei de fazer mais larga referência.

Ultimamente, na *Geografia de Portugal*, que está sendo publicada pela *Portucalense Editora*, do Pôrto, o sr. dr. Aristides de Amorim Girão, não menos ilustre professor da Faculdade de Letras de Coimbra e abalisado autor de numerosos trabalhos sôbre geografia humana, em que se tem especializado, opinou pela localização de Talábriga no Cabeço de Vouga, surpreendendo-nos com a sua decisão.

«*Pode dizer-se que, pelo menos nas zonas deprimidas, o mar avançava muito mais para o interior*» — diz o distinto autor da *Bacia do Vouga*, a pág. 99, do fascículo IV da sua mencionada *Geografia de Portugal*, a propósito dos *Fenómenos de Erosão e de Acumulação*.

E prossegue:

«*Quando nelas desaguavam rios, as condições hidrográficas da sua última secção variaram quási sempre consideràvelmente, mudando de curso e de foz:* Rio Velho, Foz Velha, Porto Velho, *são por isso expressões que permanecem ainda, com freqüência, na toponimia popular, às vezes em sitios muito afastados para o interior dos pontos onde se encontram actualmente os respectivos acidentes fluviais ou marítimos. É quando se procura localizar alguma cidade proto-histórica situada junto da foz de rios, como* Talábriga, *ou em montes à beira dêles, em frente de alguma ilha, como* Moron, *as falsas localizações são inevitáveis e o restabelecimento da verdade nem sempre muito fácil, por não se ter na devida conta a diversidade de aspecto topográfico entre o que foram outrora essas regiões e o que são actualmente.*

Talábriga *sabe-se, por exemplo, que ficava junto da foz do Vouga, e por isso muitos autores antigos, modernos e mesmo contemporâneas a têm pretendido situar em Aveiro, Cacia, Esgueira.*

Já num bem fundamentado e deduzido estudo (o do sr. dr. Felix Alves Pereira — geografia proto-histórica da Lusitania — situação conjectural de Talábriga, diz, em nota, o sr. dr. Amorim Girão) se demonstrou que não devia procurar-se aí o sitio de tão discutida cidade, mas sim bastante para o interior: o que de forma alguma exclui, em nosso entender, a idéia arreigada de que ficava junto da foz do Vouga, não onde ela hoje está, mas onde estava talvez ainda ao tempo da dominação romana.

Efectivamente, a cidade velha da foz de um rio é junto da foz velha *do mesmo rio que tem de procurar-se. A diversidade de aspecto morfológico entre a região do Baixo-Vouga na época actual e o que era nos tempos proto-históricos deve harmonizar, assim o cremos, a opinião unanime dos antigos escritores de que* Talábriga *ficava situada junto da foz dêsse rio, e a contagem das milhas na estrada romana e considerações derivadas da própria natureza do terreno, segundo as quais ela não podia ficar situada onde hoje é Aveiro ou nas suas imediações. A notável povoação da antiga Lusitania devia ficar mais no interior, perto do braço marinho onde o Vouga desaguava e onde desaguavam também, independentemente dêle, o Agueda e o Certima, braço marinho que as aluviões dos três rios posteriormente haviam de fazer desaparecer.*

Isto escreviamos nós em 1922, na Bacia do Vouga; *e só temos agora a confirmar o que então dissemos, e acrescentar mais alguma coisa. Observações feitas, não há muito, na mesma região e o traçado das vias romanas, que ali conseguimos reconstituir, levam-nos, com efeito, a localizar a antiga* Talábriga, *quási sem hesitações, no Cabeço de Vouga, onde êste rio hoje se abraça com o seu afluente Marnel.*

Ali encontraram os engenheiros romanos terreno firme para a construção da estrada de Aeminium *a* Cale; *e foi a magnífica posição estratégica do cabeço, aliada à ponte sôbre o rio que ali se construiu, a razão primacial do profundo rasto que da região ficou na história da Reconquista, e das invasões francesas, e das lutas liberais, e até mesmo em perturbações politicas dos nossos dias.*»

Mau grado meu, estou uma vez mais em desacôrdo com o sr. dr. Amorim Girão, o que não admira, visto já tantas vezes ter seguido os seus ensinamentos, ter adotado as suas doutas opiniões e ter estado totalmente de acôrdo com o autorisado escritor.

Presto desta feita ainda e sem rebuço, a melhor homenagem ao talento e saber do ilustre catedrático, más não me dou por convencido.

Quási sem hesitações... escreveu Sua Ex.ª certamente à cautela. Naquele *quási*, cabe a minha grande dúvida, a minha divergência, direi; a minha e a de muitos que aceitam, e têm como insuperáveis por ora, as conclusões do dr. Felix Alves Pereira, fundadas nos números, baseadas em monumentos miliários e rigorosas de lógica.

Pode ser que o sr. dr. Amorim Girão acerte; mas por enquanto, repito, não há prova. Em boa verdade, as excavações do sr. Souza Batista, no Cabeço de Vouga, e o espólio recolhido no sitio do velho opido, nenhuma prova nos fornecem de que seja ali o ubi de *Talábriga*, como pretendeu, há anos, também, e criticando opiniões minhas no jornal local *Correio do Vouga*, o sr. tenente-coronel Strecht de Vasconcelos.

Não faço nunca, porém, destas questões um objecto de teimosia e pirronice e dar-me-ia por muito feliz e satisfeito no dia em que um argumento decisivo, isto é, uma prova irrefragável, surgisse da terra revolvida, de um monumento descoberto, de uma lápide achada, de um documento incontroverso, e todos tivessemos de reconhecer que estava sepultada no alto do cerro de Vouga-Marnel a veneranda *Talábriga*!

IMPRENSA

A Aurora do Lima

Atingiu 87 anos no dia 15 do corrente êste bi-semanário de Viana do Castelo, que Bernardo Silva dirige com os folgôres duma invejável mocidade e nós lêmos sempre com aprazimento pelo interesse que nos desperta tudo quanto se passa na linda cidade minhota a que Aveiro anda ligada por uma afeição sem limites e de que a Imprensa tem sido o élo principal.

Gazeta de brilhantes tradições, o decano dos jornais do Minho merece, por tudo, a simpatia que o rodeia e lhe tem prolongado a existência, fazendo nós votos por que se conserve ainda na liça durante muitos mais anos com Bernardo Silva a segurar o pendão da sua rota em prol da terra que lhe serviu de berço.

Um apertado abraço de felicitações lhe enviamos e a quantos o acompanham na sua honrosa missão.

A sardinha

A-pesar-das medidas adoptadas, continua a vender-se cara.

Não se come. Ou come-se só por desfastio...

Geografia de Portugal

Acha-se em distribuïção o fascículo n.º 6, que, como os anteriores, é impresso em bom papel e ilustrado, honrando a Portucalense Editora, à qual o professor da Universidade de Coimbra, sr. doutor Amorim Girão, investigador abalisado, confiou o seu excelente trabalho.

De laço vermelho

Apareceu um gato na Praça do Dr. Joaquim de Melo Freitas, que deu nas vistas por trazer ao pescoço enorme laço vermelho, talvez para ser reconhecido ao longe.

Assim não se deve perder, agora que vamos entrar no mês dêles...

Coliseu do Pôrto

Foi ontem inaugurado solenemente com um sarau de arte, seguido de baile, em que tomaram parte distintas famílias do norte.

E' um teatro moderno, elegante, espaçoso e confortável e cuja falta muito se fazia sentir na nossa segunda capital. Está, por isso, de parabens a cidade Invicta.

CARTAS

Dezembro, 1941

Minha querida:

Estamos chegados ao Natal e esta quadra de festa familiar é mais dura para os que vivem longe da mãi pátria e da família. A nostalgia de lugares queridos torna-se agora mais pungente e as saüdades de entes amados mais fortes e mais penosas.

Na hora que atravessamos e em que uma grande parte da mocidade de Portugal tem deixado o país, caminho dos Açores ou das colónias, impunha-se aos que estão cá lembrarem-se agora mais dela.

Não será a sua bravura, o seu arrôjo e heroísmo, a sua valentia e sangue frio, que um dia, se necessário fôr, defenderá a Pátria de um usurpador e a população dum jugo estranho? Mas o soldado português, valente como nenhum quando a hora da batalha sôa, é requintadamente sentimental quando o perigo passa. A's primeiras notas dum fado lamuriento êle, que se bate ferozmente, cego a perigos e alheio a fadigas, é capaz de chorar... Nos seus corações, rudes e sãos, vive a par o heroísmo e a bondade. E' por isso que nós, os que vivemos na metrópole, os devemos confortar com o nosso carinho, agora nesta quadra do Natal, pois lá longe, embora amparados pelos chefes e bem acolhidos pela terra de *empréstimo*, as saüdades na noite da consoada são mais duras de suportar. Todo o soldado tem na terra a família ou alguém que lhe é caro e que nesta altura lembra mais e com maior pêna...

O ano passado e como numa destas cartas te disse, a cidade de Nova Lisboa organizou o *Natal do soldado* e tão bem acolhida foi a idéa, que não houve ninguém que não contribuísse para que a ceia fôsse opípera e cheia de animação.

Este ano, como a debandada tem sido cada vez maior, quási não havendo no continente pessoa que não tenha pelo menos um amigo fora, foi a metrópole que, de norte a sul, organizou o *Natal do Expedicionário*. Cada terra angaria donativos para mandar as especialidades regionais e tudo que possa falar ao soldado no seu cantinho e dar-lhe a impressão de que, por momentos, estão consoando na lareira familiar. Engano, sim, pura ilusão, mas, no entanto, quantos enganos e ilusões há que têm o sabor das mais felizes realidades!

E', pois, de-véras simpática esta idéa, para cuja eficácia todos têm contribuído na medida das suas possibilidades.

Por essas colónias fora, os soldados ouvirão os sinos das suas terras, pois a Emissora mandou gravar os sons de todos êles. E quantas recordações êsses bronzes irão despertar! *Recordar e viver*, recordar é amenizar a saüdade. Quanto não vale, por isso, essa ilusão, que permite aos expedicionários viver, por momentos, a vida das suas terras, despertando-lhes recordações de tôda a espécie e fazendo-os reviver horas calmas e felizes!

Um abraço da

Zèmi

Benemerência

Do nosso conterrâneo Abel de Lemos, residente em Cassequel (Angola) recebemos esta semana, por intermédio de seu cunhado Manuel da Silva Félix, a quantia de 100$00 para ser distribuida pelos nossos pobres.

Muito reconhecidos.

AS NOZES

Também estão pela hora da morte. Pronto. Não se comem. Só com desejos...

A ciência ao serviço do Bem

Uma das mais importantes realizações práticas da ciência moderna é o alto-falante, hoje utilizado em todo o mundo. Reforça a voz humana de modo a ouvir-se a quilómetros de distância.

A «American Coast Guard», que vigia as águas dos Estados-Unidos, serve-se de altos-falantes, montados em aviões, para avisar tôda a navegação da aproximação de tempestades e tufões.

A Polícia de Trânsito de Londres, que orienta a circulação nas ruas, utiliza também altos-falantes em tempo de nevoeiro espesso, quando é difícil avistar os sinais verdes e vermelhos, evitando, assim, muitos desastres.

Portugal perante a guerra

Alarga-se pelo mundo a maré dos ódios. A humanidade parece mergulhada numa catástrofe tremenda, num dêsses cataclismos pavorosos que subvertem, quási sempre, a mais bela das flores: a civilização.

Portugal, que desde a primeira hora do gravíssimo conflito manifestou, com o seu profundo pesar pelas dôres que tantos povos estão sofrendo, a sua absoluta neutralidade, apenas pode neste momento reafirmar a sua atitude.

Isto quanto aos outros. Quanto a nós próprios, cabe-nos reconhecer devidamente a gravidade do transe. Embora à margem da guerra, havemos de lhe sofrer necessàriamente as conseqüências. Impõe-se-nos, por isso, agora, agora mais do que nunca, uma absoluta unidade em volta daqueles que providencialmente nos dirigem — e ao mesmo tempo um propósito de vida sóbria e austera. Temperemos a nossa alma no espírito do sacrifício; forjemos a nossa vontade na aceitação voluntária duma sobriedade que não exclue a beleza.

E, quando a luz voltar, de novo, a êste orbe sombrio, sentir-nos-emos mais fortes e mais dignos. E os outros povos, prestando, como presentemente, justiça à nossa atitude, encontrarão nela um exemplo e um estímulo para reconstrução do próprio mundo.

O Democrata vende-se no *Estanco Flaviense*, Rua dos Mercadores.

Ainda o 1.º de Dezembro

A União, diário da tarde que sai em Angra do Heroismo, diz-nos que o 1.º Batalhão do Regimento de Infantaria n.º 10 comemorou no dia 1 o 301.º aniversário da Independência com uma palestra de exaltação patriótica feita pelo seu mui digno comandante, oficial brioso que na ilha gosa das maiores simpatias e é estimado, querido e respeitado por todos os seus subordinados, publicando-a, a seguir, na íntegra e em lugar de destaque para melhor ser apreciada.

Congratulamo-nos pela maneira como *A União* se refere ao nosso conterrâneo e presado amigo.

Obras do Seminário

Começou a primeira empreitada nos terrenos adquiridos junto à estrada de S. Tiago, trabalhando nela bastante gente.

Assim é bom.

O TEMPO

Despede-se hoje de nós o Outono de 1941, que caprichou em nos deliciar com dias lindíssimos.

Os nossos agradecimentos...

OS OVOS

Foram, também, tabelados, passando a custar cada dúzia 7$00!

Não se comem. Ou comem-se só de vez enquando...

Substituïção

Os Serviços de Imprensa da Embaixada Ingleza junto do Govêrno Português dá-nos conhecimento de que assumiu o cargo de Adido de Imprensa o sr. Michael Stewart por ter passado a desempenhar outro lugar, com funções consultivas, o sr. Marcus Cheke.

Cumprimentamos os dois distintos funcionários.

Notas Mundanas

Aniversários

Fazem anos: hoje, as sr.as D. Maria Trancoso Magalhães e D. Felicidade Paulos Alves, esposa do sr. Arnaldo Alves dos Santos, de Coimbra; àmanhã, a sr.a D. Maria Bárbara Correia Nóbrega e Sousa, esposa do sr. Agostinho de Sousa, professor de Ensino Técnico na capital; o sr. Aurélio Costa e o menino Eduardo Andias Meireles, filho do sr. Hermenigildo Meireles; no dia 23, as sr.as D. Maria Helena Ferreira Henriques e D. Adozinda Cevada de Menezes, esposas, respectivamente, dos srs. dr. Joaquim Henriques, hábil clínico, e Abílio de Menezes, residente no Pôrto e D. Fernanda Pires Afreixo, professora na escola de Nariz e filha do comerciante sr. José Maria da G. Afreixo; em 24, o sr. dr. Francisco Ferreira Neves, professor do Liceu de José Estêvão, e a sr.a D. Berta Ferreira da Cunha Pereira, esposa do sr. António Marques Pereira, tesoureiro da filial do Banco N. Ultramarino de Viana do Castelo; em 25, as sr.as D. Rosalina da Conceição Neto, esposa do sr. Cipriano Neto, chefe da secretaria da Câmara Municipal, e D. Natália Faias Garcia Couceiro, esposa do sr. Eugénio Couceiro, residente em Sá da Bandeira (Africa Ocidental); a menina Natália de Oliveira Lemos, filha do sr. Abel de Lemos, ausente em Cassequel (Angola) e os nossos amigos dr. Abílio Justiça, distinto oftalmologista em Coimbra, e Mário Duarte (filho); e em 26, a sr.a D. Celeste Freitas Fidalgo, esposa do sr. Benjamim Ferreira Fidalgo, comerciante local, o sr. Estêvão Rebelo de Almeida, industrial de panificação, e o filho, E'lio, do sr. António Vicente Ferreira, tesoureiro da Câmara.

Partidas e Chegadas

Após longos anos de ausência no Congo Belga, tivemos a satisfação de vêr novamente nesta cidade o velho amigo João Simões de Pinho, que, com a família, tem residência em Cacia.

Como tenciona por cá ficar, esperamos que, de vez enquando, apareça por esta sua casa.

—Retirou para Penafiel aonde passa a viver com uma afilhada, casada com o escrivão de Direito, sr. Reinaldo Neto de Sousa, o nosso conterrâneo Manuel Cação Gaspar, a quem a morte da esposa abalou profundamente.

Desejamos-lhe que ali encontre o lenitivo de que tanto carece.

—A passar as férias do Natal já se encontram nesta cidade os srs. desembargador Melo Freitas, da Relação do Pôrto; dr. Carlos Vilas-Boas do Vale, juiz de Direito em Caminha; e Jaime Martins Lima, empregado nas Finanças em S. Pedro do Sul.

—Seguiu ante-ontem para Vila Verde (Braga) o sr. tenente Abel Nogueira, tesoureiro de Infantaria 10.

Doentes

Em Freixo de Espada-à-Cinta, continua bastante doente o sr. Augusto A. Sá Marques, tesoureiro da Fazenda Pública naquele concelho.

O seu estado inspira ainda bastantes cuidados, pôsto que tivesse experimentado esta semana ligeiras melhoras.

Oxalá continuem a acentuar-se e que todo o perigo tenha passado.

O "Coração da Bairrada,,

O Grupo Cénico do Troviscal, veio, como noticiámos, até nós, representando no Teatro Aveirense a sua revista regional. Fizeram os seus componentes bem em vir à sua capital e nós apreciámos o esfôrço enorme, o conjunto de vontades e sacrifícios que foram necessários para pôr em pé, no meio aldeão do Troviscal, uma peça de teatro assim traçada.

Algumas cênas bem imaginadas pelo autor, sr. dr. Manuel Filipe, nem sempre tiveram a defendê-las o desempenho pretendido, mas compreende-se que é assim mesmo.

A música dos srs. José de Oliveira (só o número de abertura) e Leonildo Rosa, que dirigiu a orquestra, é agradável e números há que se ouvem repetir sem enfado.

A orquestra, levemente desafinada, e as vozes um pouco ásperas, prejudicaram bastante o melhor êxito do espectáculo. Destacaram-se alguns elementos de quem não damos nomes por não os sabermos, mas citamos os papeis. O que fez o papel de vigarista, chamemos-lhe assim, da cêna *Viver não custa, o que custa é saber viver*, que foi o mesmo que fez o *Portugal Velho*, pela forma de dizer e maneira de se mexer, não pode ser um aldeão. Tem de ser pessoa de cultura bem diferente. O'ptimo.

Outros, como o da flauta, na cêna do ensaio, o cantador do fado, o curandeiro, etc., mostraram qualidades apreciáveis de adaptação. No elemento feminino, menos felizes, tanto nas cênas como nas vozes, francamente, nada se aproveitou. Deve haver no Troviscal, ao menos uma ou duas raparigas que cantem alguma coisa.

As partes corais decorreram sempre com certa infelicidade, já porque alguns números de música, pela sua forma, são ingratos para ouvidos um pouco duros, já pela orquestra que na afinação não auxiliou, e ainda, e principalmente, pelo indefinido de timbre das vozes que não tiravam com facilidade, qualquer som justo.

Enfim: parece-nos que o mesmo conjunto de amadores do Troviscal—para lhes dar a nossa impressão sincera—não colheu o êxito que aquele trabalho merece, porque a maior parte da peça foge daquele género donde não se deviam afastar—o popular.

Tanto os quadros, como a música, em peça para ser representada por aqueles amadores, deviam ser caracteristicamente populares, vivendo e mostrando a sua própria vida e costumes.

Vejamos como agradaram os quadros *Romarias da Bairrada, Fogueiras de S. João, o Vira*, etc. Números com colorido e naturalidade, agradando a música mesmo executada como foi, agradando o guarda-roupa, o à vontade das raparigas, a naturalidade e gracilidade de movimentos.

Felicitamos os autores, os ensaiadores, certamente os mesmos, por terem conseguido no Troviscal pôr em cêna uma peça assim, tendo contribuído eficazmente—à custa de grandes sacrifícios—para a educação e cultura do povo daquela freguezia—bem que todos colheram, possívelmente poucos reconhecem, e nenhum, talvez, agradeça.

O Grupo foi apresentado, em síntese, pelo sr. Cipriano Neto.

Carta de Lisboa

O Socorro do Natal

Foi recebida com o maior e bem compreensível aplauso a decisão do Govêrno ao criar o *Socorro do Natal*, instituïção admirável que tem em vista prestar, nesta festiva quadra do ano, socorro e auxílio a todos os pobres que dêle carecem, embora em detrimento e justo prejuízo dos profissionais da pedincha, que, sem uma acção organizada e metódica, como a de agora, eram sempre os que mais tinham a ganhar, ainda que com o evidente abandono e esquecimento de muitos autênticos pobres.

Muito bem, pois, dizia o *Seculo*, quando, há dias, referindo-se à decisão governamental, sublinhava:

«Com a organização do *Socorro do Natal* às famílias necessitadas teve o Govêrno em vista dois objectivos: coordenar os esforços e actos de benemerência, a-fim-de evitar uma dispersão que podia ser contrária ao sentimento e desejo dos generosos benfeitores, e impedir que os pedintes profissionais ou os mais espertos e hábeis recebam mais do que devia caber-lhes numa distribuïção equitativa e a maioria continue à míngua de recursos.»

Nestas palavras, está, de facto, a bôa doutrina e elas assinalam, de forma bem clara e expressiva, a benemérita e certa intenção do Govêrno.

Depois do que aí fica, parece-nos que só nos resta dizer: é isto que, de facto, é o *Socorro do Natal*.

Opiniões concordes

Apenas com o espaço de alguns dias, Portugal teve conhecimento de duas opiniões sôbre Salazar e a nossa política que, vindo, embora, de campos opostos, podem, no entanto, considerar-se concordes. A primeira é do economista americano Henry J. Taylor, segundo a qual, quando acabar a guerra, Salazar será o homem do momento, o único que ficará de pé, no meio do montão de destroços que será o Mundo. A segunda é do *Lavoro Fascista*, de Roma, onde a nossa estrita e imparcial neutralidade é mais uma vez posta em relêvo e elogiada com o maior e mais vivo aplauso.

Natal português

Continua a ser alvo do melhor acolhimento a interessante iniciativa do S. P. N. tendente a nacionalizar o nosso Natal, a desterrar, de vez, a insuportável e estrangeirada A'rvore do Natal e a reintegrar o lindo e tradicional presépio português.

E' assim que, pouco a pouco, mas com segurança, como deve ser, Portugal vai regressando ao espírito verdadeiro, fecundo e glorioso de todas as tradições que o fizeram grande e considerado de povos e nações.

CORDEIRO GOMES

NECROLOGIA

António da Maia

Os jornais de Lisboa trouxeram quinta-feira, a notícia da morte, no dia anterior, do antigo desportista aveirense, alferes reformado do exército ultramarino, e que nesta cidade fôra gerente de vários estabelecimentos comerciais e industriais, antes de fixar residência na capital.

Tinha 66 anos de idade, era casado, em segundas núpcias, com a nossa conterrânea, sr.a D. Maria Isabel Maia, deixando, apenas, uma filha, professora, do primeiro matrimónio.

Lamentando o desenlace, já previsto devido ao seu sofrimento — uma cirrose no fígado com outras complicações — aqui deixamos consignados à viuva do amigo de infância, os nossos sentidos pêsames.

* * *

Com 3 anos de idade, ainda incompletos, deixou de existir na segunda-feira e depois de prolongado sofrimento, a menina Maria Helena Pereira Faria, filhinha do sr. dr. Gabriel Teixeira de Faria, médico nesta cidade, e neta estremecida do sr. João de Faria e Silva, chefe da Secção de Finanças.

O seu enterro realizou-se no dia seguinte, de tarde, para a Sé Catedral, onde o cadáver foi encomendado e dali para o cemitério central. Nele se incorporaram algumas senhoras conduzindo flores, os funcionários daquela repartição e da Câmara e outras pessoas das relações da família dorida. A ladear a pequena urna, de cuja chave era portador o avô da inditosa criança, viam-se quatro meninas, vestidas de anjo, que davam ao cortejo uma nota invulgar.

O Democrata, que nêle se fez representar, acompanha os desolados pais e avós no seu íntimo desgosto.

* * *

Uma síncope cardíaca vitimou terça-feira de tarde a sr.a D. Alexandrina Lebre Barbosa de Magalhães, viuva do sr. Silvério de Magalhães.

Contava 69 anos e o seu cadáver ficou depositado em jazigo de família, no cemitério central.

* * *

Faleceram mais: nesta cidade, Manuel Henriques de Oliveira e Silva solteiro, de 27 anos; Maria de Lourdes Marques, de 21, casada com o sr. Telmo Maria da Costa, e Norberta Rosa, viuva, de 80; na *Prêza*, José Ferreira Caldeira, casado, de 73, e no *Bonsucesso* Lídia dos Santos Bartolomeu, de 14, filha de António dos Santos Bartolomeu.

Secção Desportiva

Foot-Ball

Beira-Mar 3—Lamas 0

No último domingo, nesta cidade, o *Beira-Mar*, num jôgo repleto de bom desporto, bateu o *leader* do campeonato regional, *União*, de Lamas, por 3-0. Os aveirenses triunfaram, também, em *reservas* por 2-0. No primeiro quarto de hora do jôgo principal assistiu-se a um *foot-ball* de qualidade, a confirmar a boa classificação do *União* e a categoria e possibilidades actuais do *Beira-Mar*. Depois a qualidade do jôgo baixou um pouco, mas o desafio agradou completamente até o último minuto.

Jogadores correctos, público desportista e árbitro excelente—é um bom árbitro faz sempre um espectáculo são sob o ponto de vista da cultura física.

O *União* é um club que tem sabido perder e também ganhar por larga margem com os aveirenses, e que, por isso mesmo, é geralmente estimado pelo público desta cidade.

A.

Correspondências

Esgueira, 17

Efectuou-se a eleição dos corpos gerentes do *Recreio Musical Esgueirense* que servirão no próximo ano e cujos nomes publicaremos dentro em breve.

—Lembramos à Junta de Freguesia que é conveniente mandar relvar o coradouro da Ribeira, pois conforme está tem causado reparos.

—Faz àmanhã anos o filhinho do nosso amigo Américo Ramalho.

—Está organizada uma comissão para levar a efeito um baile na noite da passagem do ano.

C.

Costa do Valado, 18

A festa a S. Tomé realiza-se êste ano nos dias 24, 25 e 26, abrilhantada pela música nova, de Fermentelos, constando na quinta-feira (dia de Natal) de missa solene seguida de procissão que percorrerá o itenerário do costume, efectuando-se durante o arraial a tradicional arrematação dos pés de porco.

Se o tempo estiver bom, é de esperar farta concorrência e animação.

—Com Lídia da Conceição, filha do sr. Vicente Bernardo, um dos gerentes do porto de Leixões, natural de Mirão (Douro), casou ontem, quarta-feira, o alfaiate Manuel Nunes Génio Júnior, estabelecido nesta localidade e neto do nosso amigo Albano Nunes Génio.

Parabens.

—Felicitamos o nosso presado amigo, prof. Domingos de Carvalho, pela passagem de mais um aniversário natalício.

C.